



PERCURSOS E IDENTIDADES DOCENTES: UM ESTUDO SOBRE ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA

Sônia Regina de Souza Fernandes – IFC/Campus Camboriú

Idorlene da Silva Hoepers – IFC/Campus Camboriú

Márcia Cristina Taborda Fonsecaⁱ – IFC/Campus Camboriú

Resumo:

O projeto em foco vem desenvolvendo estudos sobre os percursos e identidades docentes dos estudantes de Pedagogia. De caráter longitudinal, pretende acompanhar os estudantes envolvidos do início ao final da formação. Nesta etapa, a pesquisa propõe-se a traçar um perfil inicial dos estudantes, apontar os motivos da escolha profissional, bem como compreender as razões de desistências. A perspectiva metodológica tem base na abordagem quanti-qualitativa de caráter compreensivo, lança mão da dimensão autobiográfica e da história de vida de professores – em pesquisa educacional, o que nos orienta considerar tanto aspectos objetivos como subjetivos. Os registros são por nós compreendidos como uma espécie de “biografia educativa” que nos auxiliam na compreensão dos processos de constituição dos percursos e identidades profissional.

Palavras-chave: Pedagogia; Identidade; Profissão.

Situando a pesquisa

A pesquisa *Percursos e identidades docentes: um estudo sobre acadêmicos de Pedagogia* – tem como foco de investigação os graduandos de Pedagogia do IFC, tem caráter longitudinal por pretender acompanhar os estudantes do início ao final da formação. Nesta etapa, a pesquisa intenta traçar um perfil inicial dos estudantes, apontar os motivos da escolha profissional, bem como compreender as razões de desistências dos que abandonaram o curso.

Como metodologia inicial utilizou-se um questionário para entrevistas com questões abertas e fechadas. Aos estudantes que “desistiram/evadiram” do curso, fez-se entrevista por meio telefônico, buscando os motivos de renúncia. A perspectiva metodológica tem bases na abordagem quanti-qualitativa de caráter compreensivo, lança mão da dimensão autobiográfica e da história de vida de professores – em pesquisa educacional, em que considera-se tanto aspectos objetivos como subjetivos.

Tal perspectiva pretende romper com a tradição das pesquisas inspiradas no

mecanicismo e positivismo moderno. De acordo com André (2005) entre as décadas de 1960 e 1970, as pesquisas centravam suas análises das variáveis de contexto e no seu impacto sobre o produto. A partir dos anos 80 essa centralidade foi sendo substituída por investigações que privilegiavam o processo. As generalidades e as singularidades registradas são aqui compreendidas como uma espécie de “biografia educativa” (DOMINICÉ, 2000), constituída num processo formativo, não no texto escrito em si, mas no “movimento reflexivo que o processo produz, em especial em sua temporalidade, que potencializa o presente e o futuro” e, como destaca o autor, “transforma a memorização em formação”. Também em Santos (2000) a ideia de que o “conhecimento é autobiográfico”, portanto, não há produção de conhecimento sem história de vida. Freire e Guimarães (2000) contribuem ao dizerem que “a história de vida ganha lugar na construção de conhecimento e de novos sentidos, uma vez que somos seres e sujeitos históricos, sociais e culturais e, nos humanizamos na e com a vida social”.

De acordo com Galvão (2005, 330) “a narrativa [...] é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo”. A formação e suas implicações de identidade não se constituem em um constructo arbitrário, elas decorrem de uma concepção de educação e de mundo, mediadas pelo trabalho com o conhecimento.

Percebe-se, assim, que a educação e a concepção de formação não são neutras e, a partir de um olhar rigoroso, dado por Freire e Shor (1987), torna-se necessário situá-las em uma multidimensionalidade de perspectivas. Por isso, investigar os processos de formação por meio das histórias e relatos de vida, memórias, biografias e outras formas de narrativas, se constitui em uma condição importante para a apreensão dos aspectos objetivos e subjetivos dos sujeitos envolvidos – necessários à formação de professores.

Como a produção da vida não é linear, também não são os professores, estes como sujeitos históricos, capazes de transformações, especialmente, quando se constituem em protagonistas de sua própria história, tal como nos diz Freire (1996) “Significa que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável” (FREIRE, p.21).

Caminhos dialógicos: quem veio?, porque vieram e porque saíram?

O curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense – Camboriú iniciou em 2011. A primeira fase da pesquisa fora realizada com o universo de 35 alunos, que, então,

correspondia ao número total. Analisando os dados coletados dos acadêmicos delineamos, ainda que não de modo conclusivo, o perfil destes sujeitos.

Dos dados analisados a questão de gênero é a de maior discrepância: o sexo feminino compõe 91% da turma. Tal resultado confirma a percepção histórica de que a docência é tida como profissão feminina, ainda pautada na afetividade peculiar à mulher.

Dentre os entrevistados masculinos, destaca-se o relato de um aluno que, formado em magistério, descreve sua dificuldade de ingressar no mercado: “As escolas não contratam homens. Assumem isso verbalmente. Dizem que os pais não deixariam as crianças se for um homem o professor. Acho que só conseguiria se fosse no terceiro ano ou quarto... e olhe lá. Com a formação superior acho que isso muda um pouco.” (A 22)

No que se refere a faixa etária percebe-se evidente equilíbrio entre o intervalo de 20 a 30 anos e de 31 a 40 anos, com 12 sujeitos em cada intervalo. O equilíbrio da idade é concomitante ao estado civil. A faixa etária mais jovem corresponde ao número de solteiros e a mais avançada corresponde ao número de casados.

Sendo o curso de uma instituição pública federal e, assim, gratuita, entendemos que a relação custo/faixa etária oportunizou o ingresso ao processo de formação àqueles que não possuíam condições financeiras anteriormente. Confirmamos tal ligação ao analisarmos que 60% dos entrevistados têm a soma familiar como composição da renda principal.

Na formação escolar é identificada esta relação, já que 71% do grupo realizou a educação básica em escola pública. Apenas 9% realizaram cursos de idiomas enquanto 14% realizaram cursos técnicos durante o percurso da educação básica. Entendemos que a procura por cursos técnicos se dê para o ingresso no mercado de trabalho. É importante frisarmos que 40% possuem magistério e que este curso, conforme a atual legislação, permite atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

A escolaridade dos pais confirma dados estatísticos em que o ensino fundamental incompleto tem maior incidência. Observamos, de modo geral, que os acadêmicos deste curso são oriundos de famílias de baixa escolaridade, pois com curso superior completo temos somente três ocorrências. Partindo do princípio de que muitos cursaram a escola pública por absoluta falta de condições de custear os estudos dos filhos em escolas particulares e, portanto, de famílias de classe econômica média baixa podemos também tecer considerações sobre as formas utilizadas para atualização, seja no contexto de formação ou atualização. Fica claro que a ferramenta mais utilizada pelos acadêmicos é a internet, por sua diversidade e informação, com acesso de 66% na própria casa enquanto 20% possuem TV por assinatura. Quanto a periódicos pode-se afirmar que a assinatura de revistas apresenta vantagem em

relação ao jornal, indicando interesse voltado à área de atuação.

Das múltiplas opções sobre os motivos da escolha profissional destacam-se os que valorizam a educação para melhoria e mudança social. A satisfação de conviver em ambientes educativos com crianças também ficou evidente. Há, também, indicações que ligam o exercício da profissão à habilidade e talento. O modelo positivo de professor evidenciado nas respostas confirma influência do “bom professor” na vida dos alunos e na escolha da profissão, como modelo a ser seguido.

Apesar de historicamente não atraente, a carreira docente é enfatizada aqui pelas vantagens de flexibilidade do horário de trabalho, período de férias entre outros. A facilidade de ingresso reforça outro dado bastante discutido pelas políticas governamentais atuais de formação de professores: a baixa procura pelos cursos de licenciaturas levando à escassez de profissionais habilitados para a docência na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, foco da Pedagogia.

Da turma inicial, permaneceram no curso 44,77% havendo a desistência de 13,23%. Nos dois semestres seguintes seis alunos ingressaram no curso advindos de transferências internas e externas, totalizando 35 alunos no início do semestre de 2012.

Os motivos apontados para a desistência do curso podem ser observados nas seguintes falas: “Achei que a faculdade seria mais fácil. A gente espera um trabalho ou outro, mas é preciso ler muito mais do eu imaginava. Acho que não é pra mim. Tem que estudar muito e não tenho tempo nem paciência pra isso. Vou levando só com o curso de magistério. Fazer o quê?”(D1)

“Eu estava bem empolgada: sempre quis fazer faculdade. Mas ter aula todo dia é pra quem pode parar e estudar. Com os filhos, casa, trabalho, não sobra tempo e em dois meses já estava estressada por que vi que não daria conta.” (D2)

“Entre no curso por que as vagas estavam sobrando e faculdade de graça é sonho pra quem não pode pagar. Com o tempo percebi que nem de longe tenho jeito para Pedagogo. Saí logo no começo.”(D3)

“Eu fiz dois semestres e adorei. Mas hoje estou com problemas de saúde (síndrome do pânico) e só de pensar em ficar fora de casa a garganta me fecha. Só ando com minha mãe. Tenho vontade de voltar mas não sei se conseguiria.” (D4)

“Saí por que quando quebrei a perna ficou tudo muito difícil. Peguei um inverno muito frio e chuvoso. Tinha dias que levava mais de uma hora para chegar no Instituto por causa do ônibus e ainda chegava toda molhada. A intenção era até voltar, mas aí o tempo foi passando e a gente parece que não acha mais tempo. Uma pena, pois estava adorando o curso.” (D5)

Reflexões finais

O exercício compreensivo que estamos fazendo, nos ajuda a concluir esse texto, contudo sem esgotar a problemática e o tema de pesquisa percebendo que os registros e relatos escritos dos sujeitos desta pesquisa, indicam um conjunto de condições objetivas e subjetivas da escolha, do exercício profissional e dos diversos processos de formação pelos quais vamos nos tornando professores e constituindo nossas identidades, da mesma forma, a importância em saber e compreender os motivos que levam alguns estudantes a não continuarem no curso. Podemos dizer que são estas “pistas” autobiográficas, que poderão contribuir com os processos de formação de professores e ao mesmo tempo com a pesquisa em educação no Brasil. E, como nos diz Nóvoa (2000), apesar de todas as fragilidades e ambigüidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceituais e metodológicos.

Referências

- ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** questão de teoria e de método. Educação & Tecnologia, Belo Horizonte, v.10, n.1,p.29-35, jan./jun.2005.
- DOMINICÉ, Pierre. **Learning from our lives:** using educational biographies with adults. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação.** Ciência & Educação. Bauru, v.11, n.2, p.327-345, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente.** Contra o desperdício da experiência. São Paulo, Cortez, 2000.

ⁱ Acadêmica de Pedagogia e bolsista de pesquisa (EDITAL Nº 020/GDG/IFC-CAM/2011).

